



Ideias de educação: reflexões e convergências

Ideas of education: reflections and convergences

Ideas de educación: reflexiones y convergencias

DOI: 10.54019/sesv5n2-008

Originals received: 05/02/2024
Acceptance for publication: 05/23/2024

Hugo Miguel de Jesus Oliveira

Mestre em Supervisão Pedagógica

Instituição: Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora

Endereço: Évora, Portugal

E-mail: hmjo@uevora.pt

Jorge Manuel Rodrigues Bonito

Doutor em Ciências da Educação

Instituição: Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora

Endereço: Évora, Portugal

E-mail: jbonito@uevora.pt

RESUMO

Este artigo científico traduz uma breve reflexão sobre alguns dos conceitos estruturantes em educação. Pelo facto de a educação ser, muitas vezes, entendida como uma realidade difusa, que precisa ser organizada, para uma melhor caracterização da sua natureza, analisaram-se três das suas grandes finalidades: a educação como ideia social; a educação como ideia de processo de desenvolvimento individual e pessoal; e a educação como ideia de ensino. Demonstra-se que o conhecimento normativo da educação deriva do conhecimento descritivo, que considera a alteridade do aluno, o seu contexto e a sua história, considerando-se, ainda, a dualidade entre a visão formativa da educação e a sua perspetiva à luz do Bildung. Na continuação, promove-se uma reflexão sobre alguns significados associados aos conceitos de pedagogia, andragogia, antropagogia e sinagogia. Concluiu-se que a educação se assume essencialmente como um processo eminentemente humano, dinâmico e perpetuamente inacabado.

Palavras-chave: Educação. Pedagogia. Andragogia. Antropagogia. Sinagogia.

ABSTRACT

This scientific article briefly reflects on some of the structuring concepts in Education. Due to the fact that education is often understood as a diffuse reality, which needs to be organised, for a better characterisation of its nature, three of its



main purposes were analysed: education as a social idea; education as a process idea of individual and personal development; and education as a teaching idea. It is shown that the normative knowledge of education derives from the descriptive knowledge, which considers the student's otherness, his context, and his history, also considering the duality between the formative vision of education and its perspective in the light of Bildung. In continuation, a reflection is promoted on some meanings associated with the concepts of pedagogy, andragogy, anthropagogy and synagogy. It is concluded that education is essentially an eminently human, dynamic and perpetually unfinished process.

Keywords: Education. Pedagogy. Andragogy. Anthropagogy. Synagogy.

RESUMEN

Este artículo científico traduce una breve reflexión sobre algunos de los conceptos estructurantes de Educación. Debido a que la educación suele entenderse como una realidad difusa, que necesita ser organizada, para una mejor caracterización de su naturaleza, se analizaron tres de sus principales finalidades: la educación como idea social; la educación como idea de proceso de desarrollo individual y personal; y la educación como idea de enseñanza. Se muestra que el saber normativo de la educación deriva del saber descriptivo, que considera la alteridad del alumno, su contexto y su historia, considerando también la dualidad entre la visión formativa de la educación y su perspectiva a la luz de la Bildung. A continuación, se promueve una reflexión sobre algunos significados asociados a los conceptos de pedagogía, andragogía, antropagogía y sinagogía. Se concluye que la educación se asume esencialmente como un proceso eminentemente humano, dinámico y perpetuamente inacabado.

Palabras clave: Educación. Pedagogía. Andragogía. Antropagogía. Sinagogía.

1 INTRODUÇÃO

Refletir sobre o conceito de educação pode parecer um exercício clássico de revisão, com uma finalidade puramente acadêmica, e em primeira instância talvez possa também ser entendido como a busca de um conceito, com efeito tranquilizador, com a capacidade de ser plasmado na consciência dos agentes educativos, que procuram um ponto de referência. Na realidade, pensar sobre educação e os seus significados, constitui-se uma ação dinâmica e longitudinal, na medida em que se leva a cabo ao longo do tempo de existência da nossa espécie, considerando todas as variáveis e tendências introduzidas na nossa sociedade em mudança, tendo em conta ainda o espaço, isto é, o contexto físico, comunitário e social onde a educação se desenvolve.



Assim, e independentemente da sua natureza, os modelos educativos têm sempre por trás da sua ação, uma ideia sobre quais as finalidades a cumprir, e na ótica do pensamento do Padre Manuel Antunes, “O homem moderno tende a mover-se na direção do futuro (vive no horizonte do futuro), com um projeto axiológico” (Martins, 2005, p. 575). As finalidades da educação, são, nesta perspectiva, os valores que a educação vai instaurar e promover. Mesmo quando consideramos o sistema de ensino privado, temos que este também se submete a um conjunto de valores promovidos pelo estado, que conferem à educação um esforço no sentido do que *está a ser*, para o que *deve ser*, sendo que o que *deve ser* depende muito das escolhas feitas, não apenas a nível pessoal, mas também de ordem civilizacional.

Educar, parece ser então a tentativa de chegar à essência, mais concretamente, aproximar a nossa existência humana da nossa própria essência humana. No entanto, se considerarmos um oleiro que coloca e/ou retira barro até chegar à essência da forma imaginada, por mais habilidade que tenha, e por mais fino que seja o material, existirá sempre uma diferença entre a essência (ideia da forma) e a existência (forma materializada). No processo educativo, esta diferença entre essência (onde se pretende chegar) e existência (estado alcançado) é, também assim, evidente. Ao refletirmos sobre educação, devemos considerar que ela tem sempre na base o modelo ideal de pessoa a ser promovido, isto significa que quando educamos temos sempre subjacente a ideia do que é uma pessoa *bem-educada*, e esta conceção pode ser diferente também em diferentes contextos.

No exercício de se definirem e clarificarem as finalidades da educação, há, pois, um conjunto de questões estruturantes sobre as quais devemos refletir: Porque é que nos devemos preocupar com as futuras gerações? Porque é que devemos ser solidários e cooperantes? Porque é que pretendemos que os alunos do futuro sejam mais cooperantes do que competitivos, ou o seu contrário? Qual é o modelo educativo de futuro que é preciso realizar? As respostas a estas questões poder-nos-ão levar a um novo conhecimento normativo, para onde pretendemos guiar a educação. Neste movimento em direção a esse conhecimento normativo, os objetivos devem ser bem realistas, tendo em consideração a natureza do sujeito educativo.



Assim sendo, o nosso ponto de partida é o conhecimento descritivo que considera a alteridade do aluno, o seu contexto e a sua história, tendo em consideração a natureza do sujeito educativo, pressupondo um conhecimento muito claro não só de si, como também do contexto onde este se insere, promovendo-se a busca de um conjunto de soluções para as suas necessidades e aspirações. Deve ter-se presente, que os contextos desempenham um papel muito importante no desenho da metodologia que constitui o saber prescritivo, ou metodológico, isto é, o movimento de *onde estou* para *onde quero ir*, ou dito de outro modo, do conhecimento descritivo para o conhecimento normativo, onde se inscrevem as finalidades da educação. No início desta “viajem”, é, pois, determinante esclarecer: Onde estamos? Para onde queremos ir? E também, porque é que queremos ir?

Na contemporaneidade assiste-se a uma grande tentação para se procurarem soluções simples para problemas complexos, sendo que, no entanto, raramente um problema muito complexo apresenta uma solução simples. Partindo deste pressuposto, quando se reflete sobre o conceito de educação, torna-se também determinante promover o raciocínio sobre os significados de outros conceitos, sobre os quais ela mesmase alicerça, sendo este o contributo que o presente manuscrito pretende oferecer.

2 EDUCAÇÃO, UMA REALIDADE TRANSPARENTE OU DIFUSA?

Apresentando-nos a sua visão da contemporaneidade, o filósofo Daniel Innerarity (2010) demonstra que as teorias da nossa sociedade multicultural coincidem em assinalar que o nosso mundo se caracteriza por uma grande heterogeneidade, sendo por isso necessário proteger as diferenças culturais, de uma forma mais atenta do que a que foi feita no passado. Para o efeito, a grande questão é se dispomos de uma pedagogia do encontro, do intercâmbio e da tradução, que considere esta heterogeneidade, sem a organizar numa simples justaposição de mundos fechados e incomunicáveis. Na sua conceção, e simultaneamente ao processo de constituição da sua identidade, as diferentes culturas dão origem a alteridade e estranheza, elaborando também técnicas para compreender e tratar o diferente. Este conjunto de técnicas é, pois, resumido no



conceito “tradução” pela qual se deve entender tudo o que sirva como técnica para a compreensão, e normalize a estranheza, transformando-a, numa alteridade que se possa constituir em interlocutor entre as diferentes culturas. Nas suas palavras:

Talvez seja uma das tarefas mais interessantes da educação na sociedade do séc. XXI: possibilitar a conversação humana, a tradução, a competência intercultural. (Innerarity, 2006, p. 175)

O filósofo transmite-nos também a ideia de que ao longo do tempo, a sociedade foi perdendo o reconhecimento atribuído aos intelectuais, que tentam mostrar a realidade às pessoas que não a veem claramente (movimento terraplanista, negacionismo relativamente a campanhas de vacinação, etc...) realidade essa, que os próprios intelectuais não veem muito bem, daí a necessidade da investigação contínua nos mais diversos campos do conhecimento. A educação pode também ser entendida dessa maneira, isto é, uma realidade difusa que precisa de ser organizada. Por outras palavras, necessita de ser algo que se saiba o que é, e para o que serve.

3 FINALIDADE DA EDUCAÇÃO

Quando se reflete sobre qual a finalidade da educação, faz sentido considerar a perspetiva de Immanuel Kant (2012, p.12) que demonstrou que “O homem só se pode tornar homem através da educação. Nada mais é do que aquilo em que a educação o torna”. Para ele, o esboço de uma teoria da educação representa um ideal magnífico, considerando, no entanto, que ainda não estamos em plenas condições de o realizar, não sendo este aspeto uma fatalidade pois existe um caminho de aperfeiçoamento a percorrer. Para não bloquear esse caminho, o que há a fazer é precisamente não entender o alcance de uma teoria da educação como uma quimera, nem, na sua perspetiva, o difamar como um belo sonho utópico.

Para Kant, a educação é uma arte cujo exercício tende a ser aperfeiçoado através de muitas gerações, numa lógica cumulativa, isto é, juntando os conhecimentos das gerações dos que já viveram, cada geração pode aproximar-se mais de cumprir todas as disposições naturais do homem, e assim, conduzir o



gênero humano à sua “destinação”, que coincidirá com a chegada à perfeição da natureza humana.

No processo de condução à perfeição, anteriormente aflorado, faz sentido analisar a educação sob pelo menos três perspectivas, que nos permitirão a chegada a uma visão mais integral do seu conceito: a educação como ideia social; a educação como ideia de processo de desenvolvimento individual e pessoal; a educação como ideia de ensino.

4 A EDUCAÇÃO COMO IDEIA SOCIAL

Para uma reflexão sobre a educação como Ideia Social, recorrer-se-á à concepção do Padre Manuel Antunes (2008, p.153), que relativamente ao próprio conceito de educação, estabelece o seguinte:

Por este termo pretende designar-se aqui não o simples processo da didática escolar mas, no sentido mais largo, toda a aquisição, transmissão, renovação e criação de ideias, de comportamentos, de formas e de símbolos expressivos. Mais sinteticamente: educação é o reflexo e o projeto de uma cultura.

Para ele, a educação é o reflexo de uma cultura, na medida em que funciona como um canal de transmissão de um legado de normas, valores, sentimentos, modos de encarar o mundo e a vida, hábitos, e de costumes. Por seu turno, a educação é também projeto de uma cultura, uma vez que durante o processo transmissivo anteriormente mencionado, ocorrem modificações através de adaptações, correções, supressões e também invenções. Segundo o Padre Manuel Antunes, em épocas mais estáveis predomina a educação como reflexo de uma cultura, e nas épocas mais críticas, predomina o momento da educação como projeto de uma cultura.

Na concepção do pedagogo, existe uma necessidade inerente ao homem, tanto de valores em que possa acreditar, como de modelos que possa seguir. Quando esses valores e modelos não se encontram disponíveis, então o que sobra é o caos moral, a anarquia e a desorientação. Na mesma linha de raciocínio, para que o homem possa agir de forma construtiva e criadora, torna-se indispensável a existência de um mínimo de certeza e de confiança, tanto no sentido do próprio destino, como no sentido da humanidade no geral. Assim,



torna-se evidente a necessidade de intencionalidades, de objetivos e de fins, que serão formulados pela sabedoria, pelo menos na mesma medida, que de instrumentos e meios que serão fornecidos pela ciência e a tecnologia.

Resumindo, o pensamento pedagógico do Padre Manuel Antunes é eminentemente axiológico, entendendo a missão da educação como uma ação promotora e instauradora de valores (Franco, 2005). No entanto, instaurar valores não é nesta concepção sinónimo de endoutrinamento, uma vez que esta ação não se constitui como uma das funções da educação, sendo que a escola deve antes propor valores, para que os alunos os possam escolher. Sobre este tópico, Martins (2005, p. 574) refere que para o Padre Manuel Antunes, “a família, a Nação, o educador e o educando estão sujeitos à Verdade (relação pedagógica entre mestre discípulo). Advoga por um ensino plural e livre contra o monopólio estatal da educação”. Ainda nesta concepção, a educação não deve também ser reduzida à educação escolar, atribuindo-se um papel relevante a todos os contextos, na criação de uma sociedade mais democrática e pluralista. Por último, como a educação deve ter como missão cultivar o espírito crítico, atribui-se especial relevância à diversidade de ideias e à interculturalidade.

Analisando uma outra perspectiva, em Émile Durkheim, a educação adquire também uma dimensão predominantemente sociológica, assumindo a função de manutenção do *status quo* social, e de manutenção do poder das gerações mais experientes. De acordo com o próprio:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Tem por objeto suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais que lhe exigem a sociedade política no seu conjunto e o meio especial ao qual está particularmente destinada. (Durkheim, 2001, p. 52)

Dessarte, nesta concepção, pode também considerar-se uma certa ênfase na educação como Ideia de Processo de Desenvolvimento Individual e Pessoal, associada ao desenvolvimento de estados físicos, intelectuais e morais dos cidadãos, permitindo-lhes um melhor enquadramento na sociedade à qual irão pertencer.

O sociólogo, considera ainda que a subsistência de uma sociedade, está dependente da existência de uma homogeneidade, que garante que os jovens assimilem as similitudes que a vida coletiva exige, sendo, a educação, precisamente a forma de garantir e perpetuar essa homogeneidade. Por outro



lado, e quase paradoxalmente, se não existir uma diversidade suficiente nos elementos de uma sociedade, a cooperação torna-se impossível, assegurando, a educação, esta diversidade necessária, ao diversificar-se e especializar-se ela própria, através dos seus mais diversos percursos.

5 A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E PESSOAL

Sobre a ideia de processo de desenvolvimento individual e pessoal educação, interessa analisar a concepção de Olivier Reboul (2000, p. 24), que estabelece o seguinte:

Assim, parece-nos que o fim da educação é permitir a cada um realizar a sua natureza no seio de uma cultura que seja verdadeiramente humana. Se tal fim parece utópico, é o único que resguarda a educação tanto do abandono como do endoutrinamento.

De acordo com a sua perspetiva, no seio desta cultura verdadeiramente humana, a educação pode desenvolver-se essencialmente através de três processos: A criação, o ensino e a formação. Por criação entende-se a educação no seu sentido mais restrito, coincidindo com a familiar, tratando-se, portanto, de uma educação espontânea. Noutro sentido, o ensino remete para uma educação que se assume com intencional e assegurada por profissionais, desenvolvida numa instituição com fins explícitos e métodos codificados. Por último, temos a formação, que remete para a preparação do indivíduo para uma determinada função social. Desta forma, o aluno será sempre o fim da educação ou pelo menos o seu objeto, sendo que o objeto da formação, será a função social que o aluno virá a desempenhar.

Quanto à questão se se deverá educar para a sociedade ou para a criança? Reboul considera que esta remete para uma falsa alternativa, argumentando que se deve educar para um termo intermédio, isto é, para a humanidade. Assim poder-se-á fazer da criança uma pessoa capaz de partilhar e comunicar com as obras, e as demais pessoas humanas. Na justificação desta posição, entende que se no processo educativo, sob o pretexto de respeitar a espontaneidade criadora, apenas for visada a criança, pode correr-se o risco de a tornar inapta à



integração num determinado meio onde possa vir a pertencer. Por outro lado, a «adaptação», a «socialização» e o «equilíbrio» podem levar em última análise a um conformismo total, inclusive com valores sociais nefastos, tais como o fanatismo, o racismo, o egoísmo, entre outros.

Para Reboul, a educação apresenta-se como uma ação consciente e voluntária (Nunes, 2007), cujo grande objetivo é o de tornar o ser humano melhor, nos seus mais variados domínios, através do desenvolvimento de todas as suas potencialidades ao longo da vida, integrando, e interconectando para o efeito, a criação, o ensino e a formação, no desenrolar desse processo.

6 A EDUCAÇÃO COMO IDEIA DE ENSINO

Refletindo sobre uma última concepção, e perspetivando agora a educação como ideia de ensino, não é possível deixar de considerar a visão de Comênio, considerado o pai da educação moderna. Na sua obra *Didáctica Magna*, Comênio demonstra que nas nossas escolas se deve ensinar, nada mais, nada menos, que tudo a todos. Não se pretende, contudo, que todos desenvolvam conhecimentos em todas as áreas, pois na sua perspetiva, nem isso apresenta uma natureza útil, considerando que algumas aprendizagens virão a ser mais úteis a uns do que a outros, nem sequer a brevidade da vida humana é compatível com tal ação. No entanto, determina o seguinte:

Deve, portanto, providenciar-se e fazer-se um esforço para que a ninguém, enquanto está neste mundo, surja qualquer coisa que lhe seja de tal modo desconhecida que sobre ela não possa dar modestamente o seu juízo e dela se não possa servir prudentemente para um determinado uso, sem cair em erros nocivos. (Comênio, 2015, p. 145)

Na contemporaneidade, continuamos a empreender esforços para tornar as escolas capazes de ensinar tudo a todos, sendo que temos hoje acesso a um grande manancial de conteúdos e recursos educativos, analógicos e digitais, disponíveis desde a mais pequena infância até a idade adulta, sendo utilizados quer em percursos de educação formal, quer em itinerários de educação informal. Estes últimos itinerários, inscrevem-se na visão deixada por Comênio, que alude às aprendizagens universais que se desenvolvem ao longo de toda a vida, na senda por uma escola capaz de ensinar tudo a todos, independentemente da sua



idade, mediante ainda as predisposições e aptidões individuais. Comênio, entendia que a vida humana pode em grande parte ser influenciada pela educação que se recebe na infância, sendo por isso importante que o efeito benéfico das escolas possa durar toda a vida. Segundo o próprio:

Em resumo, uma vez que dos anos da infância e da educação depende todo o resto da vida, se os espíritos de todos não forem preparados desde então para todas as coisas de toda a vida, está tudo perdido". (Comênio, 2015, p. 152)

Para além do grande objetivo da educação, ser o de permitir viver uma vida plena, aparentemente situando os benefícios da educação no âmbito individual, Boto (2021) indica que na perspetiva comeniana, os benefícios da educação pertencem também ao domínio público, uma vez que toda a sociedade seria agraciada por inerência, estendendo-se estes benefícios a todas as suas classes constituintes.

Ainda na reflexão da educação como Ideia de Ensino, interessa também considerar a perspetiva de Wilhelm von Humboldt. Nesta visão, temos que a educação pode também ser encarada como formação, apresentando-se este aspeto formativo como relativamente difícil de conceptualizar, não adquirindo em Humboldt um significado de colocar a pessoa numa forma, como muitas vezes acontece no ensino profissional onde se pretende que os alunos sejam capazes de cumprir as mesmas ações, segundo os mesmos critérios, de forma estandardizada, independentemente das suas características pessoais, da sua história e do seu contexto. Sobre esta conceção, contrapõe-se o termo germânico *Bildung*, que preconiza a educação como uma procura de levar cada pessoa à sua forma, por outras palavras, uma procura de educar cada pessoa naquilo que ela é (formação/cultivo). O *Bildung* pressupõe, assim, uma educação académica holística, considerando que o ser humano se cultiva formando-se num conjunto de saberes transversais de natureza geral, na recusa de princípios puramente utilitaristas (Pena, 2012), preparando-se desta forma para assumir uma posição e ação concreta na sociedade, de acordo com a sua livre vontade e pensamento. De acordo com Günther (1988), na conceção de Humboldt existe um conjunto de conhecimentos que devem ser de natureza geral, elencando-se a educação física, as artes, a matemática, a filosofia, as línguas, a história e as ciências naturais



neste conjunto. Sendo que mais relevante ainda, será o cultivo da mente e do carácter, uma vez que as pessoas não se podem tornar bons profissionais e desempenhar adequadamente o seu papel social, caso não se tornem seres humanos bons, íntegros e igualmente bem informados. Nas palavras de Humboldt (1964, p. 188):

Todas as escolas, no entanto, que não são dirigidas por uma única classe, mas por toda a nação ou pelo estado, devem ter como objetivo a educação humanística geral. – Tudo o que é necessário para a vida ou para um determinado ofício deve ser separado e adquirido após a conclusão da educação geral.

De acordo com esta visão, se esta base garantida pela educação geral for assim alcançada, as habilidades profissionais serão mais facilmente adquiridas *a posteriori*, tornando a pessoa livre e mais capacitada de transitar de uma ocupação para outra, como não raras vezes sucede na vida.

7 RELAÇÃO ENTRE OS CONCEITOS DE PEDAGOGIA E ANDRAGOGIA

Quando se promove uma reflexão sobre o conceito de educação, torna-se também fulcral raciocinar sobre os significados de outros conceitos, sobre os quais ela mesma se alicerça. Assim, partimos para a análise do conceito de Pedagogia, que etimologicamente nos remete para a arte de ensinar, e, por sua vez, quando pensamos em arte, não raramente imaginamos um artista excêntrico que desempenha uma atividade altamente criativa, sendo que a arte não deixa de ser uma ciência prática e um saber técnico, e o artista, uma pessoa que domina uma técnica que pode tornar mais ou menos excêntrica. O próprio termo “artes de pesca”, designa os instrumentos e/ou aparelhos utilizados para pescar, revestindo-se deste carácter prático. Deste modo, a arte, remete por sua vez, a pedagogia para um conhecimento altamente técnico e personalizado. Por último, o conceito Pedagogia assume também o significado etimológico da arte de conduzir crianças, e quando se analisa o significado de Pedagogo, temos que este se referia ao escravo que conduzia a criança na Grécia Antiga, tendo a função de a educar nos valores da família, levando-a a casa de quem ensinava. Apesar de não ensinar, o pedagogo sabia para onde encaminhar a criança. É, pois, nesta lógica de condução ao conhecimento, que Herbart (2014, p. 16) define o conceito de Pedagogia:



A Pedagogia é a ciência que o educador precisa para si mesmo (...). Neste encadeamento, pensar em tudo o que se poderia administrar ao educando ou incutir no seu espírito, investigar o modo como ligar os assuntos, ou seja, como encontrar uma sequência e o modo como serviriam de transporte para o que viria a seguir. [...]

Para Herbart, no exercício da Pedagogia é fundamental que o educador procure compreender o modo de pensar dos alunos, uma vez que é precisamente a partir do modo de pensar, que se constituem os sentimentos, e, em função destes, os seus princípios e formas de conduta.

Com a evolução do pensamento em educação, surgiu também a necessidade de se incluir o ensino de adultos, no léxico educativo, e assim foi proposto o conceito de Andragogia, que terá sido primeiramente empregue por Alexander Kapp em 1833 (Loeng, 2017).

No seu livro – A teoria educacional de Platão, como pedagogia do indivíduo e como pedagogia do Estado. Ou sua filosofia prática –, Kapp desenvolveu um estudo acerca dos escritos de Platão sobre educação. Ao analisar os documentos, notou que na Grécia antiga se envolviam não apenas os jovens, mas também adultos no processo educativo. Assim, decidiu dedicar uma parte do seu livro, precisamente à educação de adultos, que nomeou de andragogia. Não veio na sua obra a desenvolver uma teoria da aprendizagem de adultos, mas justifica a sua necessidade, dissertando sobre quais as qualidades que deverão ser desenvolvidas, de forma geral, em diferentes ocupações.

Kapp contrariou o paradigma vigente na sua época, que considerava que a partir do momento em que se atingisse uma determinada etapa etária na vida, o ser humano não precisava mais frequentar uma sala de aula, pois já estava preparado para enfrentar uma atividade profissional e seguir uma carreira.

A ênfase nas qualidades internas, por comparação com a competência objetiva externa, é ainda central na andragogia de Kapp, configurando-se a formação do caráter, como o processo de maior valor para os seres humanos.

Mais recentemente, Luís Imaginário (2005), apresenta uma definição para o conceito de andragogia, distinguindo-a do conceito de pedagogia, através da seguinte consideração:

A andragogia, ‘arte e ciência de ajudar os adultos a aprender’, distingue-se da pedagogia, nomeadamente por diferentes pressupostos sobre o conceito de aprendente, o papel da sua experiência na aprendizagem, a



disponibilidade para aprender, a orientação para a aprendizagem e a motivação para aprender. (Imaginário, 2005, p. 3)

Relativamente ao conceito de aprendente, o autor entende que a pedagogia tende a considerá-lo como uma personalidade dependente do professor, sendo que a este cabe a decisão sobre os conteúdos a serem aprendidos, o momento em que se realizarão as aprendizagens e que tipo de avaliação será efetuada, submetendo, assim, o aprendente às suas indicações. Por outro lado, a andragogia tende a considerar o aprendente como uma personalidade autodirigida, responsável por si própria e pelas aprendizagens que pretende desenvolver.

Quanto ao papel da experiência do aprendente, este tende a ser pouco considerado pela pedagogia, que maioritariamente recorre à experiência do professor e ao auxílio dos materiais didáticos, focando-se especialmente na transmissão de técnicas. Neste tópico, a andragogia assume um maior reconhecimento da experiência dos adultos, que deriva dos aspetos quantitativo (anos de vida) e qualitativo (diversidade de papéis desenvolvidos em diferentes contextos ao longo da sua existência), apoiando-se nestes para o próprio processo de formação.

No concernente à disponibilidade para aprender, a pedagogia tende a desenvolver a sua ação através da adaptação dos conteúdos à idade dos jovens, com intuito de se alcançar a progressão e o próximo grau no sistema de ensino. Por seu turno, a andragogia considera que os adultos procuram aprender quando experimentam a necessidade de atuar com mais eficácia e eficiência, nalgum dos aspetos da sua vida.

No que respeita à orientação para a aprendizagem, a pedagogia tende a centrar a sua ação em objetos de aprendizagem, organizando-se num processo de aquisição de conteúdos programáticos, que estabelece uma organização e desenvolvimento curricular em unidades sequenciais. Por sua vez, a andragogia tende a centrar a sua ação na resolução de problemas concretos, que surgem no próprio contexto de vida dos adultos, tornando as aprendizagens mais pertinentes e relevantes no quotidiano dos aprendentes.

Por último, quanto à motivação para aprender, a pedagogia atribui especial atenção às pressões externas que podem, a título de exemplo, ter origem nos



encarregados de educação e/ou nos próprios professores, para a aquisição de determinado grau, e às consequências do sucesso e do insucesso escolar. Neste campo, a andragogia, para além de considerar fatores externos, como a pressão para alcançar determinada profissão ou posição laboral, depende em maior medida de fatores internos dos aprendentes, tais como a autoestima, a autoconfiança, o reconhecimento social e também a procura da melhoria da sua qualidade de vida.

8 SIGNIFICADOS DOS CONCEITOS DE ANTROPAGOGIA E SINAGOGIA

Considerando a insuficiência de natureza etimológica do conceito de andragogia, que remete para a educação de homens, Manuel Ferreira Patrício sugere que se deverá então considerar o conceito de antropagogia:

Porque eu entendo a pedagogia como antropagogia – teoria e prática da formação do homem na sua humanidade – e entendo a antropagogia como antropo-anagogia – como movimento ascensional do homem para o alto, incessante e infatigavelmente para o alto, como o movimento ascensional ininterrupto para o aperfeiçoamento do homem que há em cada homem, do homem que cada homem é. (Patrício, 1986, p. 19)

Na sua ótica, o termo andragogia apresenta-se como o mais adequado à verdadeira essência e finalidade da educação, permitindo abarcar quer a vivência individual e integral de cada pessoa, quer a vivência de toda a humanidade.

De acordo com Silva e Jardim (2021), a andragogia assume-se ao mesmo tempo como a teoria e a prática da formação do homem, conduzindo-o a si mesmo, num processo enraizado e enriquecido pela cultura, que é vista como toda a obra criadora do homem que plasma a imaterialidade das ideias e dos valores. Assim, a antropagogia pode ser entendida como um movimento ascensional ininterrupto para o aperfeiçoamento, através da educação, como especificidade humana e do humano (Sebastião, 2019).

Para além da andragogia, torna-se ainda muito importante considerar um último conceito proposto por Manuel Ferreira Patrício, o conceito de Sinagogia:

Assim, a sinagogia é o método para a elevação em que a anagogia consiste: é o método para a elevação comum. Na verdade, o professor animador, ou cultural, é sinagogo. O espaço da sua actividade



sinagógica, da sua actividade de animação, é – na pureza etimológica do termo – sinagoga (Patrício, 1996, p. 3)

De influência judaico-cristã, etimologicamente este conceito remete para a ideia de sinagoga, a assembleia religiosa dos Judeus, sendo que os Judeus se definem a si próprios como o povo que caminha para a Terra Prometida. O profeta Moisés, seu guia, nunca chegou a pisar a Terra Prometida, sem, no entanto, ter deixado de percorrer o caminho. Simbolicamente, este último conceito adquire o significado da assembleia a ser conduzida em direção à Terra Prometida, sendo o povo caminhante a própria sinagoga. Deste modo:

Sinagogia obriga-nos, então, a pensar o professor, não como aquele que conduz os seus educandos para um sítio que ele sabe bem onde é, porque já lá esteve, como faziam os pedagogos na Grécia antiga ao levar os meninos à casa do didáscala ou do citarista, mas como aquele que caminha com os demais para um sítio onde ninguém ainda esteve e que importa, em primeiro lugar identificar. Como aquele que pelas suas condições particulares, pelo seu saber, está em condições de liderar a caminhada. (Sebastião, 2017, p. 126)

Em certo sentido, a humanidade caminha para uma terra que acha justa, uma terra que deseja, e quando se pensa a educação como sinagogia, considera-se então que esta é uma caminhada intencional, centrada nas suas finalidades, escolhendo a cada momento os melhores métodos com os olhos postos no futuro, ainda que, devido à finitude humana, possamos nunca vir a pertencer a esse mesmo futuro.

Recuperando o pensamento de Olivier Reboul que demonstra que “o fim do caminho da cultura humana jamais é alcançado: não há diploma de humanidade que considere concluída a educação” (Reboul, 2000, p. 24), pode então concluir-se com esta reflexão, que a educação é sempre um processo eminentemente humano, dinâmico e perpetuamente inacabado.

FINANCIAMENTO

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04312/2020.



REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. **Obra Completa. Tomo II**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. 339 p.

BOTO, C. Comenius e a educação universal para ensinar todas as coisas. **Pedagogía y Saberes**, [S. l.], n. 54, 2021. DOI: 10.17227/pys.num54-11521. Disponível em: <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/PYS/article/view/11521>. Acesso em: 18 mar. 2023.

COMÊNIO, J. **Didáctica Magna**. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015. 525p.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2001. 129 p.

FRANCO, J. Educação para a Democracia no Fim da Ditadura em Portugal: O Contributo de Manuel Antunes, S.J. **PerCursos**, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1507>. Acesso em: 18 mar. 2023

HERBART, J. **Pedagogia geral**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014. 230 p.

HUMBOLDT, W. (1964, março 18). **Wilhelm von Humboldt, “The Königsberg and the Lithuanian School Plan” (1809)**. Washington: Germany History Intersections [s.d.]. Disponível em: <https://germanhistory-intersections.org/en/knowledge-and-education/ghis:document-7>. Acesso em: 18 mar. 2023

IMAGINÁRIO, L. Andragogia. **Formar: revista dos formadores**, Lisboa, v. 15, n. 46, p. 3-9, jan./dez. 2005. Disponível em: https://www.iefp.pt/documents/10181/702849/FORMAR_46_49.pdf/ac2a5b72-c965-447d-b78d-6e8efb410320. Acesso em: 18 mar. 2023.

INNERARITY, D. **O novo espaço público**. Lisboa: Teorema, 2010. 320 p.

KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. Lisboa: Edições 70, 2012. 80 p.

LOENG, S. Alexander Kapp – the first known user of the andragogy concept. **International Journal of Lifelong Education**, Londres, v. 36, n. 6, p. 629-643. Ago. 2017. DOI 10.1080/02601370.2017.1363826. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02601370.2017.1363826>. Acesso em: 18 mar. 2023.

MARTINS, E. A Filosofia Pedagógica de Manuel Antunes. *In*: Ernesto C. Martins (org.). **A Renovação pedagógica & La Renovación pedagógica – Atas do V Encontro Ibérico de História da Educação Coimbra/C. Branco**. Coimbra e Castelo Branco: Alma Azul, 2005. p. 573-575



NUNES, L. Janelas de aprendizagem ao longo da vida. **Percursos**, Setúbal, v. 2, n. 3, p. 6-22, jan./mar. 2007. Disponível em: http://web.ess.ips.pt/percursos/per_num_3.html. Acesso em: 18 mar. 2023.

PATRÍCIO, M. **A disciplina de teoria da educação**. Évora: Universidade de Évora, 1986. 103 p.

PATRÍCIO, M. **A escola cultural**: Horizonte decisivo da reforma educativa. Lisboa: Texto, 1996. 191 p.

PENA, D. Formação (Bildung), Educação e Experimentação em Nietzsche. **Estudos Nietzsche**, v. 3, n. 1, p. 129-134, mar. 2012. DOI 10.7213/estudosnietzsche.757. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/estudosnietzsche.757>. Acesso em: 18 mar. 2023.

REBOUL, O. **A Filosofia da Educação**. Lisboa: Edições 70, 2000. 94 p.

SEBASTIÃO, L. Manuel Ferreira Patrício. Por uma pedagogia da Sagesa. In, TEIXEIRA, A.; PINTO, J., SANTOS, T., EPIFÂNIO, R. (org.). **Simpósio de Homenagem a Manuel Ferreira Patrício**. Lisboa: MIL, 2017. p. 121-128). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/24982>. Acesso em: 18 mar. 2023.

SEBASTIÃO, L. Cogito antropagógico e formação humana no pensamento de Manuel Ferreira Patrício. **Revista Saberes Interdisciplinares**: Revista do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves, São João del-Rei, v. 12, n. 23, p. 224-232, jan. 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/27050>. Acesso em: 18 mar. 2023.

SILVA, H.; JARDIM, J. Rumo à escola cultural pluridimensional segundo Manuel Ferreira Patrício. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, v. 77, n. 4, p. 371-388, [s.d.]. 2018. Disponível em: https://doi.org/10.17990/RPF/2021_77_4_1529. Acesso em: 18 mar. 2023.